

PLANTAS SAGRADAS DA UMBANDA SOB A ÓTICA FITOQUÍMICA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE USOS SAGRADOS E FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS

Lucas Silva Andrade ¹Thaís Aparecida Menezes de Oliveira ²

RESUMO

As plantas e ervas são consideradas sagradas na religião da Umbanda, por serem fundamentais nas suas práticas religiosas, devido ao seu 'poder' de cura física e espiritual. O presente artigo é uma revisão sistemática de plantas sagradas utilizadas na Umbanda, que apresenta uma análise das suas propriedades fitoquímicas e as correlacionam com os usos ritualísticos tradicionais. Assim, este estudo investiga as seguintes plantas: arruda, guiné e a espada-de-ogum, analisando seus compostos e potenciais efeitos fisiológicos que fundamentam suas aplicações em rituais de limpeza espiritual e proteção. A metodologia utilizada é de revisão bibliográfica. Na plataforma dos periódicos da CAPES selecionaram-se estudos que abordam tanto os aspectos culturais quanto as análises químicas dessas plantas. Os resultados demonstram que muitos usos tradicionais encontram respaldo científico, em uma das espécies, a arruda, possui uma ação anti-inflamatória; outra espécie estudada, a guiné, contém compostos com propriedades antimicrobianas; e a espada-de-ogum, apresenta uma atividade inseticida. Portanto, a discussão aborda um campo de interação entre conhecimento ancestral e científico, destacando a importância de pesquisas interdisciplinares que respeitem os contextos culturais e religiosos. Conclui-se que a integração desses saberes pode contribuir tanto para a preservação de práticas culturais quanto para o desenvolvimento de novos fitoterápicos, desde que realizada com rigor metodológico e sensibilidade antropológica. O estudo reforça a necessidade de diálogos entre conhecimento científico e ancestral para uma compreensão mais abrangente das plantas medicinais e sagradas.

Palavras-chave: Química, Umbanda, Plantas Sagradas, Fitoquímica.

INTRODUÇÃO

A utilização de plantas para fins medicinais e rituais é uma prática ancestral, presente em diversas culturas ao redor do mundo. No Brasil, essa tradição é particularmente rica, resultante da miscigenação entre os saberes indígenas, africanos e europeus (Ferreira, 2021). Na Umbanda, uma religião brasileira fundada em 1908 e que sincretiza o catolicismo, espiritismo e tradições africanas, as plantas são consideradas veículos energia vital e são indispensáveis em rituais de cura, proteção e purificação. A

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Química, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - BA, andradelucas.eng@gmail.com;

² Professor orientador: mestra em Química, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - BA, thais.menezes@ifba.edu.br.



compreensão de seus usos sagrados transcende o mero simbolismo, estando profundamente enraizada na experiência e no conhecimento ancestral transmitido oralmente e por meio de práticas religiosas.

Historicamente, a relação entre o homem e as plantas medicinais têm sido um campo fértil para a descoberta de novos fármacos. Muitas das substâncias bioativas utilizadas na medicina moderna tiveram sua origem em plantas empregadas em sistemas de medicina tradicional (Simões *et al.*, 2017; Maciel; Pinto; Veiga Junior, 2002). A fitoquímica, por sua vez, é a área da química que estuda os compostos químicos produzidos pelas plantas, os quais são responsáveis por suas propriedades biológicas e farmacológicas. A aplicação da fitoquímica ao estudo das plantas sagradas da Umbanda oferece uma perspectiva única, permitindo a correlação entre os usos rituais tradicionais e os potenciais fundamentos científicos subjacentes às suas ações (Camargo, 2008).

Este artigo propõe uma revisão sistemática das plantas sagradas utilizadas na Umbanda, com um enfoque particular na arruda (*Ruta graveolens L.*), guiné (*Petiveria alliacea L.*) e espada-de-ogum (*Sansevieria trifasciata Prain*, também conhecida como *Dracaena trifasciata*). O objetivo principal é analisar suas propriedades fitoquímicas e correlacioná-las com os usos ritualísticos tradicionais, buscando identificar os compostos e potenciais efeitos fisiológicos que podem fundamentar suas aplicações em rituais de limpeza espiritual e proteção. A justificativa para este estudo reside na necessidade de estabelecer um diálogo entre o conhecimento ancestral e o científico, valorizando as práticas culturais da Umbanda e, ao mesmo tempo, explorando o potencial terapêutico e farmacológico dessas plantas sob uma ótica fitoquímica rigorosa. Tal abordagem pode contribuir tanto para a preservação do patrimônio cultural imaterial quanto para o desenvolvimento de novos fitoterápicos, sempre com rigor metodológico e sensibilidade antropológica e ainda combatendo o preconceito e a desinformação.

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste estudo consiste em uma revisão sistemática de literatura. A pesquisa bibliográfica foi realizada utilizando plataformas de bases de dados científicas, como a plataforma de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), PubMed, Scielo e Google Scholar., utilizando-se os termos de busca química, umbanda, plantas sagradas, fitoquímica. Foram selecionados artigos científicos, teses, dissertações e livros que abordassem tanto os



aspectos culturais e etnobotânicos do uso de plantas na Umbanda quanto a análise fitoquímica e as propriedades farmacológicas das espécies vegetais de interesse. Os critérios de inclusão abrangeram estudos que mencionassem explicitamente o uso das plantas na Umbanda ou em religiões afro-brasileiras, e que apresentassem dados sobre sua composição química ou atividades biológicas. Estudos que não apresentavam relevância para a correlação entre uso sagrado e ciência foram excluídos.

Os dados foram coletados e analisados, focando na identificação dos compostos químicos presentes em cada planta e nas atividades biológicas a eles atribuídas, buscando estabelecer conexões com os usos tradicionais e rituais descritos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Umbanda é uma religião brasileira que se formou a partir de um sincretismo cultural e religioso único, incorporando elementos do catolicismo, espiritismo, crenças indígenas e, predominantemente, tradições africanas. (Cumino, 2015) A Umbanda, possui um sistema de crenças e práticas onde a natureza, especialmente as plantas, ocupa um lugar de destaque. As ervas são consideradas "filhas dos Orixás", dotadas de poderes específicos e utilizadas em diversas cerimônias, como banhos de descarrego, defumações, amacis (rituais de iniciação) e preparo de oferendas (Verger, 1995; Barros; Napoleão, 1999; Camargo, 2008). Cada planta é associada a um ou mais Orixás ou entidades, cada planta possui um simbolismo específico e é associada a orixás ou entidades, o que determina sua aplicação em diferentes rituais e finalidades, e suas propriedades são compreendidas tanto em um nível energético-espiritual quanto em um nível material, influenciando o corpo e a mente dos praticantes (Prandi, 2001).

A fitoquímica, por outro lado, oferece as ferramentas para desvendar a composição química dessas plantas, identificando os metabólitos secundários que podem ser responsáveis por suas ações biológicas. Esses metabólitos incluem uma vasta gama de compostos, como alcaloides, flavonoides, terpenoides, cumarinas, saponinas, entre outros, que possuem comprovadas atividades farmacológicas, como anti-inflamatória, antimicrobiana, antioxidante, analgésica e neurofarmacológica (Simões *et al*, 2017). A farmacologia, por sua vez, investiga como esses compostos interagem com sistemas biológicos para produzir efeitos terapêuticos ou tóxicos, validando ou refutando os usos tradicionais das plantas através de métodos científicos rigorosos (Luz, 2016).



A interseção entre esses dois campos de conhecimento - a sabedoria ancestral da Umbanda e a rigorosa análise fitoquímica - permite uma compreensão mais aprofundada do "poder de cura física e espiritual" atribuído a essas plantas.

A Arruda (*Ruta graveolens* L.)

A arruda é amplamente reconhecida na Umbanda e em outras culturas populares por seu forte poder de proteção contra maus fluídos e inveja, sendo utilizada em benzimentos e rituais de limpeza espiritual (Barros; Napoleão, 1999). É associada ao orixá Xangô. Segundo Simões *et al.* (2017), a *Ruta graveolens* é rica em alcaloides (como acridona, quinolonas e quinolinas), fenilpropanoides (incluindo furanocumarinas), flavonoides, esteroides, antraquinonas e óleos voláteis. Estudos científicos têm demonstrado que esses compostos conferem à arruda atividades anti-inflamatórias, antibacterianas, antioxidantes e até mesmo anticancerígenas, além de efeitos no sistema nervoso e cardiovascular. A ação anti-inflamatória, por exemplo, pode estar relacionada à presença de triterpenos, que ajudam a aliviar dores musculares e reumáticas (Simões *et al.*, 2017).

A Guiné (*Petiveria alliacea* L.)

A guiné é outra planta de grande importância na Umbanda, conhecida por criar um "campo de força" de proteção e bloquear energias negativas. É frequentemente utilizada em banhos de descarrego e está associada ao orixá Oxóssi (Verger, 1997; Prandi, 2001). A *Petiveria alliacea* apresenta uma composição fitoquímica diversificada, incluindo compostos de enxofre, flavonoides, lipídios, triterpenos, óleo essencial (Petiverina), glicosídeos saponínicos, alcaloides e cumarinas (Lorenzi; Matos, 2008). As atividades farmacológicas atribuídas à guiné são vastas, abrangendo efeitos antimicrobianos, ansiolíticos, antidepressivos, analgésicos e anticonvulsivantes. A presença de compostos de enxofre, por exemplo, pode justificar suas propriedades antimicrobianas, que podem ser interpretadas no contexto ritualístico como uma "limpeza" energética (Verger, 1997).

A Espada-de-Ogum (*Sansevieria trifasciata* Prain)

A espada-de-ogum é um símbolo de força e proteção na Umbanda, representa a energia do orixá Ogum, é utilizada para proteger ambientes e pessoas, afastando energias negativas (Verger, 1997; Prandi, 2001). No campo da fitoquímica, a *Sansevieria trifasciata* contém saponinas, fenóis, taninos, glicosídeos, carboidratos, terpenoides, compostos heterocíclicos contendo nitrogênio, ésteres e amidas (Doss, 2009). Embora a



literatura científica sobre suas atividades farmacológicas seja menos extensa em comparação com as outras duas plantas, estudos recentes têm demonstrado sua eficácia larvicideira contra *Aedes aegypti*, o mosquito transmissor da dengue, chikungunya e zika (Coelho, 2024). Essa propriedade inseticida pode ser correlacionada com a ideia de proteção e afastamento de "pragas" ou influências indesejadas, tanto em um sentido literal quanto metafórico, no contexto das crenças da Umbanda (Verger, 1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A integração dos conhecimentos etnobotânicos da Umbanda com as análises fitoquímicas e farmacológicas revela uma vasta interação entre o sagrado e o científico. O quadro a seguir sintetiza e correlaciona o estudo das três plantas em questão:

Quadro 1: Correlações de usos tradicionais na umbanda com os principais compostos fitoquímicos.

(continua)

Planta	Nome Científico	Usos Tradicionais na Umbanda	Principais Compostos Fitoquímicos	Atividades Farmacológicas Confirmadas
Arruda	<i>Ruta graveolens L.</i>	Utilizada em benzimentos, limpeza espiritual, proteção. Contra maus fluídos, inveja, olho-grande. Atribuída ao orixá Xangô.	Alcaloides, fenilpropanoides (furanocumarinas), flavonoides, esteroides, antraquinonas, óleos voláteis.	Anti-inflamatória, antibacteriana, antioxidante, anticancerígena, antiproliferativa, reguladora da fertilidade, antiviral.
Guiné	<i>Petiveria alliacea L.</i>	Utilizada em banhos de descarrego. Cria um "campo de força" e de proteção, bloqueia energias negativas. Atribuída ao orixá Oxóssi.	Compostos de enxofre, flavonoides, lipídios, triterpenos, óleo essencial (Petiverina), glicosídeos saponínicos, isoarborinol-triterpeno, esteroides, alcaloides, taninos, cumarinas.	Antimicrobiana, ansiolítica, antidepressiva, antinociceptiva, anticonvulsivante, diurética, antiespasmódica, analgésica, antileucêmica, antirreumática, antihelmíntica, sedativa, anestésica.

Quadro 1: Correlações de usos tradicionais na umbanda com os principais compostos fitoquímicos.



(conclusão)

Planta	Nome Científico	Usos Tradicionais na Umbanda	Principais Compostos Fitoquímicos	Atividades Farmacológicas Confirmadas
Espada-de-Ogum	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain (ou <i>Dracaena trifasciata</i>)	Símbolo de força e proteção. Representa a energia orixá Ogum.	Saponinas, fenóis, taninos, glicosídeos, carboidratos, terpenoides, compostos heterocíclicos contendo nitrogênio, ésteres, amidas, derivados do ácido metoxiacético.	Larvicida contra <i>Aedes aegypti</i> , potencial para tratamento de condições inflamatórias, proteção contra toxicidade induzida por AINEs.

Os resultados desta revisão demonstram que, para as três plantas analisadas, existe um respaldo científico para alguns dos "poderes" atribuídos a elas na Umbanda (Luz, 2016).

A arruda, com sua comprovada ação anti-inflamatória, pode ter sido tradicionalmente utilizada para aliviar desconfortos físicos, que, no contexto ritualístico, poderiam ser interpretados como manifestações de "maus fluídos" ou "inveja" afetando o bem-estar físico do indivíduo. A complexa interação de alcaloides, flavonoides e furanocumarinas na *Ruta graveolens* justifica sua ampla gama de atividades biológicas, corroborando seu uso em práticas de cura e proteção (Corrêa, 1984).

Imagem 01: Arruda (*Ruta graveolens* L.)



Fonte: Internet (Google)

A guiné, por sua vez, destaca-se por suas propriedades antimicrobianas, que podem ser fundamentais para a "limpeza" e "purificação" de ambientes e pessoas, tanto em um



sentido físico (combate a microrganismos) quanto simbólico (afastamento de energias negativas) (Luz, 2016). A presença de compostos de enxofre e outros metabólitos secundários na *Petiveria alliacea* confere a ela um perfil farmacológico diversificado, que inclui também efeitos neurofarmacológicos como ansiolíticos e sedativos, o que poderia explicar seu uso em rituais que buscam tranquilidade e equilíbrio espiritual. A correlação entre a atividade antimicrobiana e a "proteção" contra "eguns" ou influências negativas é um exemplo claro de como a ciência pode oferecer uma nova lente para interpretar práticas ancestrais (Santos, 2019).

Imagem 02: Guiné (*Petiveria alliacea* L.)



Fonte: Internet (Google)

Para a espada-de-ogum, a descoberta de sua atividade larvícida contra *Aedes aegypti* é particularmente relevante (Coelho, 2024). Tradicionalmente vista como um escudo contra o mal e um símbolo de força, essa planta pode, de fato, contribuir para a proteção do ambiente físico ao reduzir a população de vetores de doenças. Essa correlação entre o uso sagrado de "proteção" e uma atividade biológica concreta (controle de pragas) ilustra a sabedoria empírica presente nas tradições afro-brasileiras. A presença de saponinas e terpenoides na *Sansevieria trifasciata* pode ser a base para essa e outras atividades biológicas ainda a serem plenamente exploradas.

Imagem 03: Espada-de-Ogum (*Petiveria alliacea* L.)





Fonte: Internet (Google)

É fundamental ressaltar que a interpretação desses resultados deve ser feita com sensibilidade antropológica e rigor científico. Os usos sagrados das plantas na Umbanda não se limitam à sua fitoquímica ou farmacologia; eles envolvem dimensões simbólicas, energéticas e culturais que são intrínsecas à religião. No entanto, a identificação de fundamentos científicos para algumas de suas ações não desvaloriza o conhecimento ancestral, mas sim o enriquece, abrindo caminhos para um diálogo interdisciplinar mais profundo e para a valorização de práticas tradicionais.

Deve-se também considerar a abordar a complexidade da dosagem e da preparação das plantas em rituais. Enquanto a ciência busca padronização e quantificação, as práticas tradicionais muitas vezes dependem da intuição, da experiência e da conexão espiritual do praticante (Lévi-Strauss, 1989). A toxicidade, como a fototoxicidade da arruda ou os efeitos tóxicos da guiné em exposições crônicas, também é um aspecto importante a ser considerado, sublinhando a necessidade de cautela e pesquisa aprofundada para garantir a segurança no uso dessas plantas, tanto em contextos rituais quanto em potenciais aplicações fitoterápicas.

Este campo de estudo, portanto, representa uma ponte entre o conhecimento ancestral e o científico, destacando a importância de pesquisas interdisciplinares que respeitem os contextos culturais e religiosos. A integração desses saberes pode contribuir significativamente para a preservação de práticas culturais e para o desenvolvimento de novos fitoterápicos, desde que realizada com rigor metodológico e sensibilidade antropológica, como o resumo inicial enfatiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A revisão sistemática dos usos sagrados e dos fundamentos científicos das plantas arruda (*Ruta graveolens* L.), guiné (*Petiveria alliacea* L.) e espada-de-ogum (*Sansevieria trifasciata* Prain) na Umbanda revela uma notável convergência entre o conhecimento ancestral e as descobertas da fitoquímica e farmacologia modernas. As propriedades antiinflamatórias da arruda, as ações antimicrobianas da guiné e a atividade larvívica da espada-de-ogum fornecem um embasamento científico para os "poderes" de cura, proteção e purificação atribuídos a essas plantas nos rituais umbandistas.

Este estudo reforça a ideia de que a sabedoria popular e as tradições religiosas frequentemente contêm um profundo conhecimento empírico sobre as propriedades das plantas, que pode ser validado e expandido por meio da investigação científica. A abordagem interdisciplinar, que valoriza tanto a dimensão cultural e espiritual quanto a composição química e os efeitos biológicos, é essencial para uma compreensão holística e respeitosa das plantas sagradas.

Conclui-se que a pesquisa fitoquímica e farmacológica das plantas sagradas da Umbanda não apenas contribui para a valorização e preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro, mas também abre novas perspectivas para a descoberta e o desenvolvimento de fitoterápicos. No entanto, é importante que futuras pesquisas continuem a explorar os mecanismos de ação, a segurança e a dosagem dessas plantas, sempre com o devido respeito aos contextos culturais e religiosos em que são empregadas. O diálogo contínuo entre o conhecimento científico e o ancestral é a chave para desvendar plenamente o potencial dessas plantas e para promover a saúde e o bem-estar de forma integrada.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, D. A. de. Uso de plantas medicinais na Umbanda e Candomblé em associação cultural no município de Puxinanã, Paraíba. **Revista Verde**, v. 14, n. 5, Edição Especial, p. 692-696, 2019.

BARROS, J. F. P.; NAPOLEÃO, E. **Ewé òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jeje-nagô**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas Medicinais e de Rituais Afro-brasileiros II: Estudo Etnofarmacobotânico**. São Paulo: Ícone, 2008.



COÊLHO, M. Uso de extrato de espada-de-são-jorge (*Sansevieria trifasciata* Prain) para o controle de imaturos de *Aedes aegypti*. **Revista Sociedade Científica**, v. 7, n. 1, 2024.

CORRÊA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984.

CUMINO, A. **Umbanda: a religião do século XXI**. São Paulo: Madras, 2015.

DIÁRIO DE UMBANDA. **Ervas**. Disponível em:
<https://www.diariodeumbanda.com.br/sobre-a-umbanda/ervas>. Acesso em: 20 out.
 2025.

DOSS, A. **Preliminary phytochemical screening of some Indian medicinal plants.** Ancient Science of Life, v. 29, n. 2, p. 12-16, 2009.

FERREIRA, M. E. A. *et al.* Plantas medicinais utilizadas em rituais de Umbanda: estudo de caso no Sul do Brasil. **Ethnoscintia: Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**, v. 6, n. 3, p. 1-14, jun. 2021. DOI: 10.18542/ethnoscintia.v6i3.10505.

LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

LUZ, D. A. *et al.* Etnobotânica, fitoquímica e efeitos neurofarmacológicos de *Petiveria alliacea* L. (Phytolaccaceae): uma revisão. **Revista de Etnofarmacologia**, v. 185, p. 182-201, 2016. Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378874116300952>. Acesso em: 20 out. 2025.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA JUNIOR, V. F. Plantas Medicinais: A Necessidade de Estudos Multidisciplinares. **Revista Química Nova**, v. 25, n. 2, p. 429-438, 2002.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, L. M. et al. Pharmacological properties and chemical composition of *Petiveria alliacea* L.: a review. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 21, n. 1, p. 1–10, 2019.

SIMÕES, C. M. O. *et al.* **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 6. ed. Porto Alegre: UFRGS/Editora da UFSC, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **O poder das plantas e ervas - sua utilização em banhos e defumação:** NEPHF. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepfh/contents/documentos/artigos/fitoterapia/opoder-das-plantas-e-ervas-sua-utilizacao-em-banhos-e-defumacao.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

VERGER, P. F. **Ewê: o uso das plantas na sociedade iorubá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VERGER, P. F. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1997.

